



ALBUM

DAS

MENINAS

REVISTA LITTERARIA
E
EDUCATIVA
DEDICADA A'S JOVENS BRASILEIRAS

PROPRIEDADE
DE

ANALIA EMILIA FRANCO



Anno I S. Paulo, 31 de Outubro de 1898 N. 7

ALBUM DAS MENINAS

REVISTA LITTERARIA E EDUCATIVA DEDICADA ÀS JOVENS BRASILEIRAS

PROPRIEDADE DE ANALIA EMILIA FRANCO

PAGAMENTO
POR SEMESTRE

PREÇO DA ASSIGNATURA, 5\$000 POR SEMESTRE

NUM. AVULSO
Rs. 1\$000

NOTAS SOBRE EDUCAÇÃO

As leis universaes da evolução ampliando e desenvolvendo, cada vez mais na consciencia humana, a illuminação do direito e o sentimento da justiça, vão fundando pouco a pouco os alicerces d'uma nova phase de fraternidade e de egualdade universaes. Nunca as qualidades altruistas e beneficentes da natureza humana foram postas em tanto relevo como no presente seculo.

Estudam-se os mais difficeis problemas, e empregam-se todos os meios de destruir as desigualdades sociaes, nivelando-se a superficie moral do mundo, e diffundindo-se a todas as classes sociaes o goso e o bem estar.

Com relação á mulher nos paizes mais cultos, a sua posição social tem melhorado consideravelmente, o que representa já um triumpho assignalado da justiça de nosso tempo.

Está claro porém que ainda tem-se muito a caminhar e se hão de passar algumas gerações antes que ella possa a vir occupar o lugar que lhe compete na plena posse moral e intellectual de si mesma.

Os mais beneficos resultados da crusada em favor dos direitos da mulher, só serão conquistados nos estadios mais adiantados da humanidade.

Neste ponto as nações acham-se retardadas, umas mais do que outras, devido talvez aos phenomenos do seu clima, e ao temperamento e origem da sua raça. Nas actuaes condições da nossa sociedade em que parece predominar em nós a morbida estagnação da alma oriental, bem sabemos quanto é ainda difficil e delicadissima esta questão, encarada por não pequeno numero como qualquer cousa muito proxima da zombaria. Todavia o que é mais triste e desconsolador para nós, é que a maior parte das pessoas do nosso sexo, longe de contestarem a postergação dos seus direitos por meio da persuasão; acceitam passivamente n'uma especie de entorpecimento de anesthesiadas, essa tutela historicamente indispensavel a que estão sujeitas, de modo a tornar-se a sua liberdade apenas uma formula e não um facto.

Desprovidas de experiencia, estioladas por uma educação deploravel e futil, combatidas nas suas fontes nervosas de energia, incapazes de lucta, no conflicto da existencia, é evidente que preferam a sujeição, o servilismo e a doce placidez da obediencia authomatica á preocupação constante, e o trabalho assiduo dê fortalecerem-se para as provas da liberdade, e para os combátes da vida.

Consideradas como seres frageis e ineptos, sem uma vontade livre para saberem impor-se, pela confusa e contradictoria idéa que tem da justiça e do direito, se cumprem os seus deveres, é quasi sempre de olhos fechados sem rasão, por méro instincto. D'ahi a nossa inaptidão, a nossa esterilidade inventiva, a deficiencia e atraso da nossa educação esthetica; a indifferença dissolvente para todos os progressos do espirito humano, como se habitassemos na Cafraria, ou outro qualquer paiz congenere.

E' evidente que assim fallando não nos referimos a todas as mulheres, mas affirmamos com respeito a uma grande maioria.

Entretanto, o que é mais grave, e o que mais difficulta a elevação do seu nivel moral e intellectual é o desprezo que se tem generalisado entre os homens para com a mulher. Cada um considerando aquellas que lhes merecem sympathias como creaturas excepcionaes, não poupa os mais acerados

epigrammas, no intuito de amesquinhar o restante das mulheres.

E no indiscreto e soffrego empenho de *fazer espirito* tornam-se de uma crueldade excessiva na ironia e no sarcasmo, esquecidos de que as faltas daquellas a quem tudo devem, não são mais do que um reflexo das suas proprias culpas.

E, por isso, o esquecimento da consideração devida á mulher, o atraso e o abandono em que deixaram a sua educação, constituem uma das principaes fontes de onde promanam muitos dos males que pesam sobre a geração actual.

Todos os defeitos e lacunas que se sente na educação da mulher, affectam desfavoravelmente na educação do homem, e de um modo bem mais funesto do que geralmente se pensa.

E, ainda mais perniciosa será a sua influencia, quando o cultivo esmerado da intelligencia, fornecendo simplesmente uma provisão de conhecimentos, sem solicitar pararellamente a todos os modos da actividade moral, vierem a produzir uma vontade e uma sensibilidade incuravelmente débéis.

Daqui resultam os graves erros da educação que no geral se dá, cujos funestos resultados nem a abundancia de raciocinios, nem as forças intellectuaes podem compensar jámais.

A falta de uma solida cultura moral, paralygando as forças do homem e pervertendo-lhe os sentimentos, inflamma-lhe as inclinações altivas e egoistas, arrastando-o a sacrificar á irritação das paixões e á depravação geral, a dignidade pessoal, os deveres publicos e a felicidade intima. E, por isso, os costumes descem e baixam a olhos vistos, a indifferença dissolvente, invade e vence os impulsos dignos, tornando-se os gosos materiaes o pensamento exclusivo do povo, que parece querer adormecer a consciencia, acabando por extinguir tudo quanto ha nobre, elevado e viril no coração do homem.

A experiencia nos tem demonstrado que por mais aperfeiçoadas que sejam as leis politicas e administrativas, ellas

não são sufficientes para reformar os costumes, visto que a moral só se cria na familia.

Por consequente, o meio mais efficaz para remediar este mal, em geral sentido é transformar-se moralmente a geração nascente por uma educação racional, mais prudente e mais equilibrada.

Assim, todos aquelles que amam ao bem, e sentem a generosa paixão do progresso da humanidade, devem por uma obrigação de patriotismo empregar todos os seus esforços para que os males que opprimem a sociedade actual, sejam attenuados e diminuidos quanto possivel, além de que os motivos para trabalhar-se nunca serão mais serios nem mais uteis. E' preciso, pois, começar pela educação da mulher, proporcionando-lhe uma cultura moral e intellectual mais elevada e mais completa, afim de que ella possa occupar-se com especial cuidado da educação da infancia, ensinando a seus filhos os primeiros rudimentos de todos os conhecimentos humanos.

Não vamos, porém, tão longe, como aquelles que alimentam a esperança de que se os paes possuissem instrucção esmerada, bastante previdencia, sympathia e força de vontade, poderiam educar os seus filhos independente de qualquer auxilio extranho, transformando cada casa n'uma escola.

O lugar que assignalamos á mãe, o que todavia só pode ser attingido por um gráu de desenvolvimento de subido valor, é o de cooperadora activa, intelligente e dedicada dos professores, com os quaes deve compartilhar os cuidados da educação physica, moral e intellectual dos filhos.

Ao terminarmos, façamos nossas as palavras auctorizadas de um eminente estadista, as quaes devem ser profundamente meditadas por todos aquelles que se occupam da grave questão educativa :

« O grande é que o mundo moral acompanhe o desenvolvimento material e para isto tudo depende de dar educação ás mulheres, as quaes têm muito maior importancia do que se lhe tem dado - ellas são o deposito do genero

humano, o principio de toda a civilisação e a base de todos os sentimentos benevolos e generosos, antes dos filhos serem apreciados ou instruidos estão já por ellas perdidos ou ganhos.»

S. Paulo.

ANALIA FRANCO.

UMA COMBATENTE

E' com a maior satisfacção que damos publicidade á um primoroso artigo com que honrou-me o meu distincto collega o sr. Olympio Catão.

Amigo sincero da liberdade e do progresso da sua patria, sua penna habil está sempre collocada ao lado das causas justas e elevadas. O illustre professor ouvindo sómente aos impulsos de seu nobre e entusiastico coração, dirigiu-me no seu brilhante artigo, locaes assaz lisongeiras que entretanto serão um incentivo para a lucta que encetei, e a maior recompensa que poderia esperar de um dos meus collegas. Eil-o:

Prostrado no leito da inercia pela invalidez a que me arrastou o estado morbido, que me victima, nem por isso sou indifferente ao movimento do progresso humano.

Tanto quanto possivel acompanho a marcha da instrucção publica neste Estado e orgulho-me ao ler seus triumphos, diariamente registrados pela imprensa.

E' que tambem fui mestre de meninos e recorro-me com saudade dos felizes dias da minha mocidade, passados entre os bancos escolares.

E' que, mesmo depois de velho, após quasi 30 annos de magisterio e tomado de canceiras, eu me sentia rejuvenecer quando visitava uma escola, no serviço de inspecção.

Um sorriso de criança adoçou-me sempre as amarguras do meu viver.

E ainda hoje, quanto mais sinto-me o desprender da vida, tanto mais me punge separar-me desses anginhos do senhor.

Quanto aos mestres, eu tenho por elles religioso respeito e sincera estima, pois que sei quão ardua é a sua missão e difficil o seu desempenho.

Mas, Deus louvado, o Estado de S. Paulo já conta uma pleiade de educadores na altura de tão elevado sacerdocio.

Entre os mais operosos e mais dignos, apparece D. Analia Franco, senhora de talento e de peregrinas virtudes.

Infatigavel no exercicio do apostolado santo de maternal ensino, branda meiga como o olhar de Jesus, ella evangelisa pelo affecto, pela palavra, pelo exemplo e pela crença.

Espirito preparado, vocação provada a distincta educacionista tem sobre muitas de suas collegas a vantagem de ser catholica confessa, sem ambages, sem respeito humano.

Não comprehendo perfeita moral sem religião, ensino proficuo e coração bem formado sem a crença de Jesus, o Divino Mestre.

Não é de hoje que admiro a digna senhora na sua cadeira de mestra.

Em Jacarehy e em S. Carlos deixou ella após si um rastro de luz: ensinou na escola, na imprensa, no theatro infantil, nas prendas, no lar.

Foi sempre uma luctadora sem treguas contra as trevas, uma valorosa combatente nos arraiaes da instrucção.

Ainda uma prova a este asserto ahi está no *Album das Meninas*, essa boa imprensa escolar; leitura digna de nossas esposas e de nossas filhas.

Sitio *Mon desir* em Lorena, 25 de Outubro de 1898.

OLYMPIO CATÃO.

A tristeza de Hoffmann.

Depois de embebedar o coveiro na taverna proxima, o sabio doutor Hoffmann tomou o caminho do cemiterio.

Era noite de lua. Maio florescia e toda a verdura do parque dos mortos, com os tepidos beijos do sol primaveril, remoçava exuberantemente.

Hoffmann foi seguindo a álea dos cyprestes, caminho triste, crivado de fogos ambulantes e de pequenas luas, que escorriam da grande, peneiradas pelas folhas múrmuras.

As lápides brancas, pintadas de inscripções: nomes saudosos, dizeres reconhecidos, á pallida luz, — collocadas symmetricamente, lembravam uma mesa de dominós — e os salgueiros entornados nas covas pareciam tristes Magdalenas, cobertas pelas madeixas longas, chorando de joelhos á borda dos sepulchros.

Hoffmann não tinha olhares vadios — ia sempre em frente desviando as roseiras que brotavam cobertas de rosas rubras, como coloridas pelo sangue dos enterrados.

Deixou a quadra dos ricos, quadra do marmore e do pórfyro, e subiu em direcção a um canto que fôra reservado aos dois amantes Romeo e Julieta.

Olhou em torno — ninguem o acompanhava e, á distancia de alguns passos, ficavam os tumulos dos amorosos.

Approximou-se do primeiro. Um cypreste farfalhava perto. pouca terra o cobria, o coveiro não tivera tempo de fechal-o. Perto havia uma pá. Hoffmann tomou-a e começou a affastar o barro.

A terra salpicava as ramas — o sabio tinha pressa de estudar o amor — as pasadas succediam-se e o suor cahia em gottas da fronte pensadora do doutor allemão.

Ao fim de um quarto de hora de trahalho o caixão appareceu no fundo, com as coroas virgens, com as flores da madona em cima.

Hoffmann abriu-o e Julieta, a delicada noiva, appareceu á luz da lua, luz das suas horas felizes, luz que ella tanto amara nos seus primeiros sonhos de amorosa.

Olhos cerrados, bocca semi-aberta, as mãos em cruz no peito, soltos os cabellos lindos, parecia sonhar com o seu Romeo, a candida moça^a namorada.

Vestia uma tunica branca, finissima tunica de noiva, e ella, entre flores, mais branca do que os lyrios, parecia um dos anjos de porphyro que abriam as longas azas protectoras acima dos grandes mausoleus fidalgos.

Hoffmann descobriu-lhe o seio virgem e na delicadeza olympica do peito a ferida do amor accusou-se negra como o soffrimento do coração dolorido.

Hoffmann deteve-se um momento, não para contemplar a virgem, mas para estudar o cemiterio.

Sempre o mesmo silencio — apenas os salgueiros gemiam á beira das sepulturas.

O frio doutor abaixou-se e, como um anatomista, começou a abrir o seio de Julieta.

A navalha afiada entrava na carne fria, rangendo, e á proporção que a lamina mergulhava triturando, o furor do sabio crescia — quem o visse, agachado no tumulo, abrindo o corpo da finada, convulso, desesperado, tomal-o-hia por um vampiro desses de que fallam as lendas medievaes.

Depois do seio aberto Hoffmann arrancou do fundo o coração como um grande coral — o coração da moça talhado no meio pelo punhal suicida.

Examinou-o rapidamente á luz da lua e collocou-a á borda do tumulo.

Fechou o caixão e sahiu.

Um rosa da virgem ficára na terra. Hoffmann tomou-a e, para não confundir os dois corações, enterrou a haste da flor na ferida do coração da virgem e foi abrir o tumulo de Romeo.

Romeo jazia a pouco passos de Julieta, em um caixão de cedro collocado sobre um cômodo da terra. O coveiro devia enterrar-o durante a noite.

Hoffmann descobriu o corpo do moço e com a navalha incisiva fez ao peito do namorado o mesmo que fizera á pallida amorosa.

Feliz por se ver possuidor daquelles corações, o sabio embrulhou-se na capa e, cobrindo o tumulto de Julieta e fechando o caixão do moço apaixonado, sahio do cemiterio triumphante, certo de que no dia seguinte diria ao mundo o segredo altissimo do amor.

Quando passava na viella proxima do cemiterio, o co-veiro ainda bebado, sahia da taverna cantarolando uma aria siciliana.

Hoffmann habitava a agua furtada de um predio escuro, escondido em uma das mais tristes ruas da cidade.

Era uma especie de gabinete de allemão a sala de estudo do sabio alchimista. Um estranho teria de andar com mil cuidados para não quebrar as retortas, os balões e os cadinhos espalhados pelos cantos. — Eram astrolabios, espheras, mappas, compassos, esquadros — uma multidão de instrumentos cabalisticos — bocaes cheios de liquidos, frascos com reptis, pelles, armas, e em todo o aposento um cheiro de papeis velhos, de mistura com o sarro da grande cachimbo de Hoffmann *culottado* maravilhosamente, sempre posto entre as paginas de um livro, para que o vento, que entrava por um postigo, não as voltasse.

Hoffmann entrou na sua cellula offegante — galgara os cinco lances de escadas como uma creança — em compensação a alegria da conquista pagava a fadiga do trabalho.

Hoffmann sacudiu para cima da mesa o casal de corações, accendeu a lampada e o cachimbo e sentou-se com os pequenos escalpellos e os philtros para estudar os nucleos do amor.

Dissecou-os, reduziu-os a particulas, examinou com a lente todas as fibras, volvendo-as nos dedos, ora aquecendo-as á luz de um maçarico, ora expondo-as ao ar da noite.

As minimas crispações dos pedacinhos de musculo eram para o sabio motivo de enthusiasmo.

Aconteceu que expondo um pedaço á luz por muito tempo, o tecido, dilatando-se estalasse entre os dedos do allemão.

Elle deu com os punhos na mesa, desesperado, jurando que naquelle ar que se desprendera fugira o *espírito da paixão* — o *lume do amor*, que elle procurava descobrir.

Não desanimou apesar disso.

Já agora era preciso levar a tentativa a termo e Hoffmann era teimoso.

O resto da noite passou o misero a revolver pedaços de corações, até que a luz da madrugada, entrando pelo postigo com o canto dos passarinhos, veio arrancar o sabio ao seu estudo mysterioso.

O dia inteiro passou-se sem que Hoffmann abandonasse por um instante a mesa do trabalho.

A' noite, muito tarde, vencido pela fadiga, o imperterrito allemão cahiu de bruços sobre o grande livro e adormeceu profundamente.

Ao nascer d'alva despertou.

O seu primeiro pensamento foi para os corações amorosos.

Procurou os pedaços — sobre o livro nada, nos escaninhos da mesa nada, na... de repente Hoffmann, tremulo, com os olhos desmedidamente abertos, a bocca escancellada, recuou espavorido. Os braços tremiam-lhe as pernas vacilavam e os olhos do misero sabio não se despregavam de um canto da mesa, onde o sol punha uma larga mancha de ouro.

— Mesmo na morte!... exclamou o investigador... Mesmo na morte tu persistes, lume d'alma! Mesmo na morte, amor!? Oh! Eternidade! Oh! Omnipotencia... Mesmo na morte, vida! E louco, rindo estardalhaçamente, o sabio tomou entre as mãos um coração enorme que palpitava entre os alfarrabios e entre os instrumentos de analyse — e beijando o musculo colosso com lagrimas e gargalhadas, balluciava:

— Unidos! Unidos em um os dois corações amorosos! Oh! attracção sublime... Força incognoscivel da alma!... Amor! Amor... o Deus da natureza és tu! és tu!

COELHO NETTO.

SAUDADES

Tenho saudades das flores
Que espargem gratos odores
Em minha veiga natal,
De meus folguedos risonhos,
Que hoje passam qual sonhos
N'esses abysmos medonhos
Da negra ausencia fatal.

Como era sublime
Escoar-se a vida sorrindo
Sem o lucto do pesar!
Mas dessa quadra enganosa
Resta minh'alma saudosa
Infeliz, triste, chorosa
Distante do terno lar!

Bem sei, mentida aventura
Que esse calix de doçura.
O absintho amargurou:
Se não tenho uma esperança
Só me entristece a lembrança
De meu viver de creança,
Que tão depressa findou!

Era bello quando a aragem
Soluçava' entre a ramagem
De annuo e esguio chorão!...
Era a brisa perfumosa
Embriagada amorosa
Uma virgem fabulosa
Dondejante no sertão!...

Não pôde meu peito triste
Dizer a dôr que resiste,
Sem pensamento, sem lar
Mas pôde a pobre descrente
Constricta dizer que sente
Um linitivo sómente
Quando ora ao sopé da cruz.

Traz ó vento, ao transitar
Um bafejo de meu lar
N'essas azas delicadas;
Pois outr'ora dei-te um canto,
N'aquella selva de encanto,
Agora offerto-te um pranto
Com minhas scismas cançadas.

MARIA DO CARMO SENE D'ANDRADE.

O VAGABUNDO

O dia inteiro pelas ruas anda
 Enxovalhado, roto indiferente:
 Mãos aos bolsos olhar impertinente,
 Um machucado chapeosinho a banda.

Cigarro á bocca, modos de quem manda,
 Um dandy de miserias alegremente,
 A procurar occasião somente
 Em que as tendencias bellicas expanda

E tem doze annos só! Uma corolla.
 De flor mal desabrochada! Ao desditoso
 Quem faz a grande, e peregrina esmola

De arranca!-o a esse trilho perigoso,
 De atiral-o p'ra os bancos de uma eschola?!
 — Do vagabundo faz-se o criminoso!...

AMELIA RODRIGUES.

A LEI DO TRABALHO

Erguer o nivel moral da sociedade pelo aperfeiçoamento da raça humana tendo por base a selecção da familia é um problema difficillimo cuja solução bem sabemos quanto está distante, e quão temerosa é a sua conquista; mas se ainda estamos tão longe d'esse ideal de justiça, de bondade e de equidade universal, nem por isso devemos permanecer desdenhosas e inactivas na estagnada immobilidade dos indifferentes.

Qual Promotheu do mytho hellenico a escalar o céu nas ancias d'um bem desconhecido, é mil vezes preferivel que cada uma de nós desde que reconheça o caminho para que foi chamada, não hesite nem um momento em applicar toda a energia das suas faculdades, toda a abnegação dos seus sacrificios, todo o vigor de sua vontade, todo o amor

do seu coração para a grandiosa obra do seculo que é o complemento do edificio da sociabilidade universal.

Hoje que o nosso futuro pertence a Democracia que é a liberdade, a justiça e a fraternidade, triade harmonica cujas tendencias generosas são para unir entre si e estreitar em indissoluveis laços os membros dispersos da familia humana, é um dever sacratissimo que a consciencia nos impõe e contribuímos humildemente com o nosso trabalho para esse fim superior e mysterioso que é como o alvo supremo a que o universo se encaminha. Assim para que a revolução pacifica das ideas venha a tomar a posse definitiva do que de direito lhe pertença: para que os chamados direitos de força cedam o lugar ás victorias da civilisação, cumpre evidentemente cultivar e aperfeiçoar as instituições democraticas, e trabalhar com afinco na educação do povo, para o gozo dos direitos, e, principalmente, para o cumprimento dos deveres domesticos.

Algumas das causas primordiaes do nosso atraso e da nossa pobreza, e que mais obstaculos se oppoem ao nosso pleno e vigoroso desenvolvimento são: alem da deficiencia de gosto pelos trabalhos da intelligencia, a nossa educação tradicional, os nossos habitos aristocraticos herdados dos fidalgos preguiçosos dos bons tempos coloniaes, que tão adversas se nos tornam ás occupações serias e proveitosas, sobretudo ás artes que julgamos partilha da ralé.

Aquelles, que nunca souberam avaliar o que no trabalho pode haver de agradavel e de sympathico e para os quaes essa actividade e intelligenza que andam adstrictas a cada homem, parece não ter poder algum para actuarem sobre elles sepultados na apathia ingloria de vegetar rolarão por fim a voragem e sumir-se-hão, como se nunca tivessem existido.

« Hoje em dia, diz um excriptor notavel, o indifferntismo de assistir de braços cruzados, ao desenvolvimento progressivo dos seres na labutação diaria que lhes impõe como norma de proceder, a necessidade geradora da industria, é reputado um crime de lesa humanidade, porque seques-

trando-se o individuo da confraternisação universal pelo egoismo, seu deslocamento na harmonia geral é tal, que demanda da parte de todos os outros um acrescimo de forças, despendida sómente para reparar a falta que occasionou aquelle retrahimento ».

Ninguem deve pois eximir-se a vir occupar um lugar na crusada civilisadora, que tem por fim melhorar as condições physicas e sociaes de todos os que soffrem, e para isso é indispensavel que cada um comprehenda a missão de que foi investido e que a actividade collectiva centralizando a importancia das vocações individuaes, empregue a grande influencia de que póde dispor.

E, enquanto a maioria do povo continuar entregue a deploravel incuria profundamente submersa nas trevas de uma ignorancia absoluta, verdadeiramente lamentavel, a escravidão não se extinguirá entre nós.

A liberdade não passará de uma falsidade se faltar ao seu mais importante e rigoroso dever: — a educação do povo.

Em summa a Democracia que se constituiu amiga da Sciencia deve esforçar-se para que ella penetre por toda a parte e comprehendendo melhor o que disse o divino revolucionario da Judéa: — Na verdade é que está a liberdade; por conseguinte a Sciencia que conduz a verdade é a primeira emancipadora dos povos; e que ha de eleva-los á conquista dos seus lisongeiros destinos, assegurandolhes a paz a familia, a prosperidade, a liberdade do trabalho, o bem estar, a felicidade, e, emfim, o engrandecimento real de toda a humanidade.

S. Paulo.

ANALIA FRANCO.

O JOGO

As suas portas estão abertas de par em par. Entrae assentae-vos na galeria dos espectadores e analysae a invejavel felicidade.

Vêde ao redor de espaçosa mesa aquellas figuras de

homens, aquelles espectros de cabellos desgrenhados de rostos lividos, de almas desesperadas. No centro a seducção mascarada n'uma montanha de ouro, e um mundo de homens em adoração diante d'aquelle deus.

Descobrem-se as cartas, abre-se a parada. Uns lançam nas cartas o ganho, que já extorquiram aos adversarios, e a ancia d'elles é superior á dos que perdem. Outros as migalhas do muito, que já possuiram. Ainda outros os dotes das esposas, e não as lançam a ellas, porque os contrarios sabem que a legislação lhes não sancionaria o pacto. Outros lançariam o mundo se o possuissem, menos pela gloria de ganharem do que pelo sina fatal de perderem.

A sorte vae decidir, quando não é o roubo que decide, e o amavel banqueiro, correndo avidamente os olhos de fogo pelos dos amigos que o rodeiam, ainda mais uma vez excita os animos á peleja.

E' ver então aquellas figuras de gente. Uns teem a alma presa dos olhos. N'outros referve a agitação no mal comprimido respirar, que se podéra dizer de um moribundo. Os que não conseguiram já encontrar logar na primeira fila dos assentados, alçam-se por sobre as cabeças dos primeiros. Outros, nem podendo já ser d'esses, formam em redor do primitivo circulo, circulos exteriores, assombreado-lhes o mysterio ainda mais as imaginações inquirindo no vago as cartas que vão saindo, sem receberem resposta de ninguem e advinhando o successo pelos sons confusos, que, sem consciencia, saem de todos aquelles labios. Não está alli a vida humana em redor d'aquella mesa, está uma tempestade fatal dos espiritos, está a condemnação.

Finalmente saiu a carta. No momento de apparecer murmuraram todas aquellas almas o quer que fosse de intelligivel. Nos felizes devia de ser o sentimento correspondente ao da fera quando abraça o caminhante; nos que perderam até a penna hesita em particularisar o que fôra. Imagine-se estas sensações repetidas todos os dias. Apagaram-se as luzes, fecharam-se as portas até á noite immediata. Respondem nos dias seguintes as desgraças das familias que da

riqueza se precipitaram na miseria, a decrepitude aos trinta annos, a falsificação das letras, a fome dentro do lar, o roubo excogitado por todas as formas, os suicídios, a fatalidade sempre sob uma manifestação qualquer.

D. ANTONIO COSTA.

O JORNAL

Não ha nada mais bello e nem mais poderoso do que o jornal quando tem a consciente e elevada comprehensão de sua missão civilisadora. Irradia como um fanal luminoso, que atravessa os nevoas do tempo nos apresenta as maravilhas que o genio inimitavel do homem tem sabido assombrosamente desentranhar, quer no campo interessantissimo das sciencias, quer no tocante ao mundo infinito das phantasias artisticas.

Não ha uma só idéa moderna, uma só sciencia, uma só arte que não tenha sido exposta a luz pelas suas columnas expansivas e propagadoras. Descrevendo a orbita que lhe foi traçada nas regiões do infinito, percorre por toda a parte e penetra em todos os tectos. Para aquelles cuja vida laboriosa poucas horas tem de repouso para dar á cultura do espirito, não ha mais proficuo meio de dilatar-lhes á instrucção do que esse livro popular que espalha por todos os ventos a boa doutrina que encerra. Ninguem ignora que todos os interesses desde os mais justificaveis até os que menos razão teriam para se manifestar fizeram do jornal uma das mais caracteristicas feições da civilisação actual. E' elle que tem contribuido poderosamente para imprimir forte impulso á evolução moral e religiosa que se tem operado n'alma das modernas sociedades. Nada ha porem que possa fazer maior bem, ou causar maior mal do que o jornal, pela educação e pela sublimidade dos sentimentos que inspira; ou pela impiedade, corrupção, ou desprezo orgulhoso ao senso uni-

versal dos homens e das idades, conforme desempenha ou desconhece o seu elevado encargo social. Torna-se pois um dom funesto quando falsos apóstolos, quando mentidos evangelisadores transforman-n'ó em foco mephitico onde muitos vão receber como um halito empestado a frouxidão ou desfallecimento dos bons principios. E mais pernicioso ainda se torna quando os falsos amigos da humanidade abdicando da propria consciencia, cheios de egoismo e interesse vil convertem-n'ó em facho incendiario cujo clarão sinistro vae lavrando surdamente nas entranhas da sociedade o espantoso processo da anarchia.

A aquelles que suppoem que só desmoronando, demolindo e reduzindo tudo finalmente a um novo cahos é que póde refundir a humanidade e eleva-la a um ideal de harmonia, de paz e de verdadeira felicidade social; diremos em conclusão como uma illustre escriptora: « Para que um dia a nossa bella civilisação não soccumba n'uma catastrophe final mais medonha do que todas as invasões da barbaria, cumpre quanto antes debellar a miseria, recuar quanto possivel os limites da ignorancia, e fazer comprehender aos que se revoltam famintos, desesperados, que o reino da verdade e da justiça, se vae approximando dia a dia, e que hão de alcançá-lo os que lidarem, os que soffrerem, os que abnegarem de si, e não os que se atiram comsigo desnor-teados e entontecidos, á vertigem das revoluções sempre contraproducentes, e sempre funestas ».

S. Paulo.

ANALIA FRANCO.

UMA VIDA MODELO

IV

Depois ambas se dirigiram onde se achava Zacharias na sua residencia, ficando entre ella e a casa em que nasceu S. João, a celebre fonte de Nephtoa, mais tarde denominada fonte de Maria. Ao encontrar Zacharias Maria

Santissima o saudou, pedindo-lhe ao mesmo tempo a benção por ser elle sacerdote. Com muita reverencia satisfez ao seu pedido, mas apenas por signaes visto achar-se mudo. Condoida do seu estado Maria do Nazareth, que conhecia o mysterio d'aquella mudez, limitou-se a pedir a Deus por elle.

Zacharias era da familia de Abia e segundo a tradicção, apesar de gozar dos bens da fortuna, consumia-se na tristesa com sua espoza S. Isabel por soffrerem a macula de esterilidade. Todos os dias ambos elevavam o espirito a Deus, pedindo-lhe que os aliviasse d'aquella magôa. Estando porém um dia no templo exercendo o seu santo ministerio, recebeu de um enviado celeste o aviso de que as suas supplicas tinham chegado ao throno do Altissimo, e que por isso teria um filho querido de Deus o qual havia de se chamar João.

Duvidou Zacharias d'aquella predicção, e por castigo da sua incredulidade, foi condemnado á mudez desde esse dia. S. José ainda permaneceu alguns dias alli com sua esposa voltando depois para a sua modesta vivenda de Nazareth, cheio de tristesa e saudades, dos parentes em cuja casa foi tão bem recebido e tratado. Tinha porém combinado com Maria Santissima, vir busca-la logo apoz o nascimento de S. João, manifestando-lhe ao mesmo tempo, quanto lhe custava a supportar a sua ausencia. Quasi tres mezes viveu Maria Santissima em companhia de sua prima na placidez da vida do campo, visitando muitas vezes com ella aquelles apraziveis sitios, onde ambas esparciam ennumerados beneficios aos pobres dos arredores.

Nas formosas tardes de verão, sentavam-se á sombra do frondoso arvoredado, que crescia em redor da fonte de Nephtoa, hoje de Maria, e alli gozando da suavidade e doçura indescriptiveis d'aquelle agradável sitio escutavam com ineffaveis delicias o ciciar da brisa d'envolta com o rumorejar dolente da fresca nascente, e as lendas melancolicas que contava uma a outra, dos inspirados prophetas de sua terra.

Outras vezes silenciosas com os olhos fitos no céu azul, já banhado n'essa hora pelos primeiros reverberos da saudosa luz crepuscular, as suas almas reconcentravam-se absorvidas na altíssima contemplação das maravilhas de Deus, que com prodigalidade inexaurível e com evidencia assombrosa lhes accumulara de tamanhos bens.

Depois de tantos seculos a formosa fonte de Nephtoa tem se conservado d'uma maneira admiravel, sob o nome de fonte de Maria.

Ainda hoje o viajante abatido no fatigante caminhar por esses sitios agora d'uma desolação sem igual, detem-se no aprasivel local, onde fica a fonte de Maria, e sorvendo com delicias a pura limpha, sente mitigar-lhe a ardor da sede, ao passo que se lhe espalha suavemente por todo o corpo, um grato refrigerio ás fadigas, que o opprimem.

(*Continúa*)

ANALIA FRANCO.

A FILHA ADOPTIVA

(*Conclusão*)

N'esta emergencia foi prostrar-se aos pés da Virgem, supplicando-lhe fervorosamente que lhe inspirasse o partido que deveria seguir. Durante esse tempo se preparavam os aprestos para a sua projectada viagem. Agenor e Aurea vinham vel-a todos os dias e apressarem os preparativos.

Emfim chegou o dia determinado; Agenor e sua irmã a vieram buscar para conduzi-la á fazenda d'onde tinham de seguir para o Rio, na madrugada seguinte.

Cherubina já os esperava prompta para a viagem emquanto que Anesia e os escravos a animavão a partir, affectando uma tranquillidade que estavam bem longe desentir.

Despediu-se de Anesia e dos famulos e sem querer olhar para traz, ia caminhando á custo, recostado nos braços de Agenor e Aurea.

Começava a hora do crepusculo, grandes e extensas sombras, invadiam a floresta e se alastravam pelos campos que rodeiavam a villa do Paraizo. A jovem vendo lentamente lhe irem fugindo todos aquelles lugares para ella tão repletos de recordações saudosas, parecia abysmada n'uma profunda tristeza, e era debalde que os seus companheiros procuravam destrahi-la, contando-lhe alegres episodios da sua vida no Rio de Janeiro, ella nada ouvia que tão absorta estava nas suas sombrias cogitações. N'esse momento ouviu-se as badaladas plangentes do sino da igreja da villa do Paraizo, soarem pesadas monotonas o *Angelus*. Aquelles sons tristemente repercutidos pelos echos das montanhas visinhas, despertaram Cherubina das suas meditações.

Lembrou-se n'esse instante, da afflicção immensa que a sua partida ia sem duvida causar, nos que acabava de deixar; um remorso agudissimo a pungio...Era sempre a aquella hora que Anezia e a sua pequena familia ajoelhavam-se no alpendre da sua modesta vivenda para rezarem juntos a oração do Angelus.

Não podendo já resistir ao pensamento que a assaltou, da horrivel ingratição que ia commetter, abandonando assim esses entes queridos, para quem ella era tudo no mundo, desprendeu-se rapidamente dos braços dos seus amigos exclamando:—Perdão Agenor, perdoa-me Aurea, não posso partir ainda; talvez mais tarde...não sei...deixem-me por piedade.

Inutilmente Agenor e Aurea empregaram as mais persuasivas razões para a demover do seu repentino intento, ella a nada quiz ouvir, e partio deixando-os tristes e despeitados com tão brusca, como inesperada resolução. Cherubina ao chegar á herdade encontrou a todos de joelhos como costumavam a orarem banhados em lagrimas.

Elles que a suppunham bem longe exclamaram n'um brado unisoño de viva alegria—Cherubina!!!

Abraçando-os dizia ella, tremula de emoção e ternura:— Não; nunca mais eu os deixarei...Sei que não poderei viver

sem vos; meus queridos, amigos...Lá, deixei talvez para sempre a minha felicidade, mas aqui encontrarei sem duvida e doce paz, a tranquillidade.

Vamos, ajoelhem-nos de novo e como sempre resemos a Ave Maria!

Depois de finda a oração, foram só lagrimas de alegria e reconhecimento para com Deus, por lhe ter de novo restituido a sua querida Cherubina.

Nos primeiros transportes de alegria esqueciam-se no egoismo da sua amizade de que a joven lhes acabava de fazer o heroico sacrificio da felicidade de sua vida inteira, e talvez da de Agenor. Só Anezia é que comprehendia a grandeza d'esse sacrificio, mas pensou ao mesmo tempo que se o amor do joven para com a sua pupilla, fosse tal como ella imaginava, elle saberia conciliar as cousas, de modo que espozando Cherubina, faria a sua felicidade completa, não a afastando longe da familia que a tinha acolhido, e por quem era tão estremecidamente amada.

Entretanto Agenor que sinceramente amava a Cherubina, esquecendo-se do seu resentimento para com ella, conseguiu que seus paes lhe concedessem a permissão de esposar-a indo residir e administrar a sua propriedade da Villa do Paraíso.

E' bem facil de imaginar-se a viva alegria que esta agradavel nova causou aos habitantes do sitio do Laranjal especialmente a Cherubina. Alguns meses depois, foi celebrado o consorcio dos dous jovens com a assistencia de toda a familia de Jorge d'Oliveira, dos seus amigos e conhecidos. D'este modo Anezia embora continuasse a viver na sua modesta casinha, estava sempre com a sua querida filha adoptiva, passando quasi todos os dias na fazenda de Jorge. Este retirando-se com a familia para o Rio de Janeiro, deixou todo o cargo da administração a seu filho, o qual apenas dous annos alli viveu feliz e tranquillo com a sua adorada esposa.

As mais rudes provas pareciam estar preparadas para aquella familia que até então vivera sempre feliz. Jorge

tendo empregado toda a sua fortuna em empresas mallogradas, acabrunhado por esse revez, pouco tempo depois falleceu quasi repentinamente. Por esse tempo grassava com intensidade a febre amarella no Rio de Janeiro, e Agenor deixando sua esposa com Anezia no sitio do Laranjal fora assistir aos funeraes de seu pae, mas ferido pela terrivel epidemia alli succumbiu sobrevivendo-lhe apenas alguns dias.

Não é possivel descrever-se o effeito produzido por este duplo e inesperado golpe tão cruelmente vibrado contra aquellas familias outr'ora tão felizes, «A dor, diz uma illustre escriptora, sente-se e não se conta retrahe-se a analyse tem o poder da superioridade, a isenção das penumbras mysteriosas foge do pincel do artista e da penna do escriptor; é profunda como o mar subtil e intangivel com a sombra que de repente obscurece a terra » Cherubina foi quem mais profundamente sentia esse cruel golpe, porque nem ao menos tivera o consolo de assistir aos ultimos instantes d'aquelle a quem tanto amava. A sua dor foi terrivel e profunda; mas silenciosa sendo por isso mesmo mais intensa e indelevel. O seu bello semblante cobriu-se de sombras e nos seus labios descorados, nunca mais brilhou o reflexo d'um sorriso. Aurea que se tinha casado um anno antes do fallecimento de seu pae, e Etelvina que vivia agora com sua filha choraram por muito tempo a perda d'esses dous entes estremecidos, mas pouco a pouco enlevadas nas seducções da Corte os esqueceram; bem como aos desolados habitantes do sitio do Laranjal, onde nunca mais voltaram. A fazenda de Jorge foi vendida para pagamento dos credores. Hoje ja não existe nem vestigios d'essa bella propriedade.

O edificio cahiu em ruinas; as plantações foram suffocadas pelo matto e as terras retalhadas, cahiram em outras mãos sendo reunidas a novas propriedades. Mas as duas pobres senhoras do sitio de Laranjal nunca mais se esqueceram do caro objecto do seu affecto. Anezia e sua filha adoptiva ainda viveram alguns annos com dous dos seus fieis servidores Roque e Marianna, gozando d'aquelle vida

obscura e tranquilla que Deus só concede ás almas singelas e boas, que com os olhos fitos no céo seguem os seus divinos preceitos, considerando a terra apenas como um exilio da patria celestial.

Cherubina que era amada de todos quantos a conheciam, mais de uma vez foi pedida para esposa de alguns jovens das melhores familias das circumvisinhanças attrahidos pela sua belleza e muito mais ainda pelas suas virtudes, porém ella permanecendo fiel á memoria de Agenor, com toda a affabilidade e delicadesa, os regeitou, prestando o estado precario da saude de sua mãe, que reclamava todos os seus cuidados. E effectivamente esse ultimo desgosto a acabrunhara tão fortemente que Anesia de dia em dia tornou-se mais debil e envelhecida, parecendo que a prolongação dos seus dias era unicamente divida aos assíduos e ternos cuidados de Cherubina.

Por muitos annos quem passasse na pequena estrada ensombrada de pinheraes que por esse tempo conduzia ao sitio do Laranjal á hora triste e saudosa do — Angelus viria ajoelhados no alpendre da modesta vivenda uma senhora bastante idosa de respeitavel apparencia, e um casal de pretos egualmente velhos e tropegos, tendo a contrastar com esse grupo interessante pela vetustez, uma formosa moça pallida de olhos negros e cabellos cór de ebano.

O seu vulto esbelto e sculptural destacava-se magestoso, tendo os olhos alçados para o céo e as mãos crusadas sobre o peito n'uma attitude supplice. O seu angelico semblante aureolado por um mixto de dor e de resignação, tinha a aquella hora uma luz insolita, como que o reflexo divino d'uma visáo celestial.

.
A vida tranquilla d'essa familia piedosa abençoada por Deus, serviu por muito tempo de salutar exemplo aos moradores da antiga villa do Paraiso. Finalmente uns apoz outros foram abandonando a vida terrena por outra mais feliz, em um mundo melhor. Só a velha Marianna foi quem sobreviveu a todos e ficou residindo solitaria e paralytica

n'uma cabana de sapé, situada naquelles terrenos outr'ora tão fertes e aprasiveis; hoje abandonados ao desamparo apresentam o aspectó devastador e melancolico d'uma tapera cheia de velhos troncos, por entre rasteiras vegetações uniformes.

S. Paulo, 1898.

ANALIA FRANCO.

NOTAS UTEIS

Um vendilhão de quinquilharias que andava de porta em porta, abre em Manchester a *Owen's college*, para a industria de chapéus. Os que na infancia comeram o pão negro do desamparo lançam assim milhões para abrir carreiras aos desgraçados das classes infelizes.

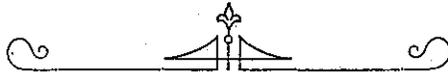
*
**

Em Birmingham sir Josuah Mason nasce pobre, accumula uma fortuna com a fabrica de pennas de ferro, e funda com oitocentos contos de réis uma instituição para os filhos do povo se poderem aperfeiçoar nas industrias.

*
**

Na Hespanha brilham as fundações iniciadas pelas sras. duquesa de Medina-Celi e condessa de Carlet, em favor do ensino agricola, da protecção ao trabalho intellectual pelas bibliothecas moraes e professionalmente instructivas para as classes necessitadas.

Todas as reclamações relativas a esta "Revista" devem ser dirigidas a rua S. João n. 160, e proxivamente ao Largo do Arouche n. 58.



Esta Revista que se publica uma vez em cada
mez, será distribuida gratuitamente a todas as es-
colas publicas do sexo feminino deste Estado.

